



Petróleo, Geopolítica e Pandemia

Foto: rawpixel.com

Este artigo combina elementos de história, economia e política internacional para avaliar as lições das crises anteriores, a crise atual e o impacto dos dilemas vividos pela economia global.

Bruno Biassetto
Doutor em História Econômica da América Latina e Pesquisador do Centro de Estudos da América Latina e Caribe.¹

Em abril de 2020, o mundo vivia a primeira onda de covid-19. Enquanto governantes e cientistas buscavam formas de lidar com a pandemia, poucos prestavam atenção no que ocorria no mercado global de petróleo. Após permanecer acima de US\$ 100 entre 2007 e 2014, o preço do barril de petróleo despencou para US\$ 20.00 durante o primeiro mês da pandemia. Nem o mais pessimista dos analistas imaginaria que, em dois anos, o petróleo substituiria o coronavírus como a grande crise global. Em meio a uma alta na inflação mundial não vista desde a década de 1980 e do aumento da fome e da miséria como resultado direto disso, governos em todo o mundo parecem perdidos.

Diante de um problema infernal, o objetivo deste artigo é fazer uma reflexão sobre um tema complexo. Poucas coisas são mais temidas na economia do que um surto inflacionário, pois se sabe que o remédio para curar tal crise é tremendamente amargo. Nesse sentido, aqui se pretende oferecer uma análise que combine história e economia, na tentativa de compreender as causas e as consequências daquilo que alguns já chamam de a “Terceira Crise do

Petróleo”. Acima de tudo, a intenção é chamar atenção para as consequências da crise atual, e qual seria o impacto sobre a população de menor renda de uma provável recessão que se avizinha no horizonte.

O presente artigo divide a sua análise em três partes, combinando elementos de história, economia e política internacional. No primeiro segmento, serão analisadas quais lições podemos tirar das crises anteriores, especialmente da recessão global de 1981, que também foi oriunda de uma combinação fatal entre petróleo e inflação. O segundo segmento irá buscar compreender as origens da

crise atual, e como a pandemia de covid-19 acabou gerando uma severa crise econômica. Por fim, na terceira parte irá se refletir sobre o impacto dos dilemas vividos pela economia global, com ênfase sobre os temas da pobreza e do meio ambiente.

90% das reservas globais de petróleo eram dominadas por um oligopólio de empresas norte-americanas e europeias.

A Crise de 1981

Diante do atual choque do petróleo, é quase impossível imaginar uma época em que o preço internacional era de míseros US\$ 2.00 o barril. Entretanto, essa era a realidade do mercado internacional de energia até 1973. Mais de 90% das reservas globais de petróleo eram dominadas pelas chamadas Sete Irmãs – Anglo-Iranian Oil Company (atual BP), Royal Dutch Shell (atual Shell), Standard Oil Company of California (SoCal, hoje Chevron), Gulf Oil (adquirida pela Chevron) e a Texaco (adquirida pela Chevron) –, que era o apelido dado ao oligopólio de empresas norte-americanas e

Foto: [senivpetro / freepik.com](#)



européias que dominava o setor petrolífero. Esse oligopólio ditava o preço do barril e determinava quanto cada país produtor receberia em royalties, eram praticamente mestres do universo. Ao final dos anos 1960, os lucros das empresas eram fabulosos, e os royalties recebidos pelos países produtores eram bastante baixos.

Foto: senivpetro / freepik.com



Políticos ocidentais, executivos e analistas do mercado acreditavam que esse sistema duraria para sempre, mas eles estavam enganados.

Aos poucos, os países produtores começaram a se articular para mudar as peças do tabuleiro. A partir de 1967, a Arábia Saudita e a Venezuela começaram a gestar o que seria o embrião da OPEP (Associação dos Países Produtores de Petróleo). Através de figuras importantes, como o sheik Yamani e o ministro Perez Alfonso, ambos os países acreditavam que era chegada a hora de os países produtores tomarem o controle do comércio global de petróleo das Sete Irmãs. Em 1973, a Guerra do Yom Kippur, entre os países árabes e Israel, deu aos produtores a oportunidade pela qual eles tanto esperavam. Para demonstrarem a sua desaprovação com a ajuda norte-americana ao governo israelense, os países árabes produtores de petróleo ordenaram às Sete Irmãs que a produção de petróleo fosse drasticamente cortada. E, para a surpresa de todos, países aliados dos Estados Unidos, tais como Venezuela e Irã, apoiaram a medida.

Aos poucos, os países produtores começaram a se articular para mudar o jogo e surgiu, a partir de 1967, o que seria o embrião da OPEP.

O impacto da queda da oferta de petróleo teve um efeito devastador sobre a economia mundial. À medida que o barril de petróleo subiu de US\$ 2.50 para US\$ 7.00, o caos se instalou rapidamente. Os gastos excessivos com a guerra do Vietnã somados ao choque do petróleo jogaram a economia norte-americana em uma crise profunda. O mesmo cenário foi visto na Europa Ocidental, onde a crescente inflação e a falta de combustível para mover a economia levaram ao aumento do desemprego e da pobreza. Além disso, a demanda pela rede de proteção social aumentou tão subitamente que o Estado de Bem-Estar Social começou a ser questionado pelos seus “altos gastos”.

Ao final da Primeira Crise do Petróleo (1973-1975), o mundo estava mais pobre e caótico. Contudo, os países produtores mostraram para as Sete Irmãs que agora eles tinham as cartas na mão. O oligopólio europeu-americano foi obrigado a fazer novos contratos, oferecendo royalties muito maiores aos países da OPEP. Se a nova rea-

Foto: Grant Durr / unsplash.com/



lidade energética mundial representou um desastre para a classe trabalhadora norte-americana, inglesa e alemã, representou uma bênção para sauditas, kuwaitianos e venezuelanos. Além disso, a criação de novas empresas nacionais de petróleo nesses países gerou uma série de novos empregos para a população local. Foi uma mudança drástica, alterando para sempre o mercado global de petróleo.

Em 1979, o Segundo Choque do Petróleo foi causado pela interrupção da produção iraniana, resultado da Revolução Islâmica vivida pelo país. Sem poder contar com o petróleo iraniano, à época, um dos 5 maiores produtores do mundo, o preço do barril subiu de

US\$ 7.50 em 1975 para US\$ 44.00 em 1980. Nesse contexto, a inflação global aumentou vertiginosamente, e o problema do desemprego começou a se agravar em todo o mundo capitalista. De repente, diversos governos ao redor do mundo se viram diante de um dilema impossível: combater a inflação e evitar o desemprego ou aniquilar a inflação aumentando o desemprego. É importante lembrar que inflação alta afeta diretamente os trabalhadores, os quais, geralmente, não possuem acesso a sofisticados instrumentos financeiros, veem a sua renda despencar vertiginosamente. A partir disso, vêm a pobreza e a precarização do trabalho como consequências diretas das ondas inflacionárias.

Em termos econômicos e políticos, talvez a crise de 1979 tenha sido mais impactante que a de 1973. O severo aumento dos juros

decretado nos Estados Unidos em 1980 abalou as estruturas do capitalismo ocidental, afetando politicamente inúmeros países. A combinação entre desemprego e inflação (estagflação) trouxe para o poder o projeto neoliberal de Ronald Reagan e Margaret Thatcher, acarretando o fim do Estado de Bem-Estar Social. Os juros altos nos Estados Unidos tornaram a

[Se o impacto político da estagflação já era evidente em 1981, a questão trabalhista e social se agravou ao longo de toda a década de 1980.

dívida externa latino-americana simplesmente impagável, causando a chamada “Década Perdida” e a derrocada das ditaduras argentina, brasileira e chilena.

Se o impacto político da estagflação já era evidente em 1981, a questão trabalhista e social se agravou ao longo de toda a década de 1980. Os índices de desemprego nos Estados Unidos e na Europa Ocidental eram os maiores desde a Grande Depressão dos anos 1930. A crise econômica ocorreu concomitantemente com a chegada de drogas, como a cocaína e o crack, nas grandes cidades do Hemisfério Norte, gerando uma onda de violência urbana, especialmente nos Estados Unidos. Além disso, os cortes de gastos públicos, causados pela recessão, afetaram diretamente os trabalhadores em uma hora de necessidade. Apenas em 1984, o desemprego



Foto: jcomp / freepik.com

começaria a cair nos países desenvolvidos do Hemisfério Norte. Entretanto, o trabalhador norte-americano não recuperou até hoje o nível de renda perdido na recessão gerada pela Segunda Crise do Petróleo.

Talvez a principal lição das crises do petróleo dos anos 1970 seja que a combinação entre petróleo caro e inflação alta é potencialmente desastrosa. A profunda recessão iniciada pelo Banco Central norte-americano em 1980, quando subiu o juro a um patamar estratosférico, atingiu os seus objetivos económicos a um custo social terrível. Em 1984, a inflação nos Estados Unidos havia caído para 4%, e o petróleo baixou para US\$ 5 o barril. Contudo, a solução para a crise causou um aprofundamento da desigualdade de renda não visto desde o final do século 19. Além disso, a primazia do mercado financeiro sobre a produção industrial e a precarização do mercado de trabalho são efeitos desta crise que persistem até hoje. E, por fim, os níveis de miséria, violência e instabilidade política observados na América Latina e na África nos anos 1980 servem de alerta, à medida que uma nova tempestade se avizinha.

O vírus, o médico e o monstro

É algo normal que, depois das imensas dificuldades vividas nos últimos dois anos por causa da pandemia, exista uma certa nostalgia pelo mundo de 2019. Porém, vale lembrar que o mundo já enfrentava imensas dificuldades antes mesmo da covid-19. A realidade económica global já era marcada por uma profunda desigualdade social, resultados das políticas económicas aplicadas nos anos 1980 no centro do capitalismo internacional. Além disso, uma nova

onda populista varria o mundo, tumultuando a política internacional e minando os valores democráticos em escala global. Enfim, era uma realidade problemática e complexa, a qual foi agravada pelo surgimento da pandemia de coronavírus.

Já a indústria de petróleo havia passado por um verdadeiro terremoto desde 1985, quando o preço da commodity despencara quase 70% do seu valor em apenas 6 anos. Foram anos de dificuldade

Foto: DCStudio / freepik.com



Desigualdade, crise econômica e uma onda antidemocrática constituem uma realidade complexa, agravada pela pandemia de coronavírus.

para o setor petrolífero, onde agora a OPEP dava as cartas, e não mais as Sete Irmãs. No século 21, empresas estatais, como a Saudi Aramco (Arábia Saudita), a Gazprom (Rússia) e a CNOOC (China), são tão importantes quanto a Exxon ou a Shell na extração de petróleo e gás. Os baixos preços do petróleo entre 1985 e 2003 colaboraram para uma profunda mudança na indústria, que ficou traumatizada por um longo período de dificuldades financeiras. Já entre 2003 e 2014, o preço do barril voltou a subir vertiginosamente, atingindo US\$ 154 em 2008, o maior de todos os tempos.

Após anos de altos preços e lucros fabulosos, a partir de 2015 o valor de mercado do petróleo voltou a cair, refletindo o excesso de oferta então existente.

Com a queda do preço do barril de US\$ 154 em 2008 para US\$ 64 em 2019, as empresas do setor começaram a cortar a sua produção de uma forma drástica. Nesse sentido, a Petrobras se constituía em uma exceção no mercado internacional, já que seguia expandindo a produção dos campos do pré-sal. Essa situação foi agravada pela pandemia, que diminuiu, substancialmente, a atividade econômica em todo o mundo em 2020. Em abril de 2020, durante o auge da pri-

meira onda de covid-19, o barril do petróleo chegou a US\$ 20, o valor mais baixo em mais de 20 anos. Em total desespero, as companhias petrolíferas tentavam fechar poços e refinarias, e até mesmo grandes empresas se viram em uma situação financeira difícil. Naquele momento, tudo apontava para o fato que o petróleo vivia a sua derrocada final, abrindo espaço para uma nova era de energias renováveis. Todavia, o jogo iria mudar rapidamente, e o petróleo lembraria a todos mais uma vez do seu lugar na economia mundial.

Impressiona a ignorância daqueles que atribuem a atual crise econômica ao chamado “fecha tudo”, nome pejorativo dado à política de distanciamento social por segmentos mais históricos da direita. Essa expressão implica que existe um falso dilema entre saúde pública e desempenho econômico. Era inevitável que uma crise epidemiológica dessa proporção iria trazer problemas econômicos, da mesma forma que aconteceu durante a Peste Negra (século 13) e no surto de Influenza (Gripe Espanhola – 1919). Além disso, mesmo que toda economia permanecesse aberta, o número de mortos e infectados seria tão alto que até mesmo os serviços considerados “essenciais” iriam parar. Nesse cenário hipotético, o risco de um total colapso da sociedade era real.

Nesse caso, as medidas de distanciamento implicaram em uma forte contração do setor de serviços, que é atualmente o maior empregador em nível global. Diante de uma grave crise de saúde e social, os governos tinham o dever de injetar dinheiro na economia. Os diversos pacotes de ajuda à população evitaram uma tragédia social ainda maior, possibilitando que pessoas que tiveram a sua subsistência diretamente atingida pudessem, ao menos, ter acesso

Foto: Mick De Paola / unsplash.com



aos itens mais básicos. A partir do arrefecimento da primeira onda de covid-19, em julho de 2020, aos poucos a economia iniciou um lento processo de reabertura. Aberturas e fechamentos do setor de serviços seguiram em curso ao redor do planeta até o primeiro trimestre de 2022, à medida que novos surtos de contágio iam acontecendo.

À medida que uma reabertura mais robusta da economia se consolidou a partir de meados de 2021, especialmente por causa do êxito da vacinação, houve um aumento substancial no consumo de uma vasta gama de produtos e serviços. De repente, viagens, restaurantes e todo o tipo de utensílio doméstico estavam em alta demanda, especialmente nos países mais ricos. Entretanto, as fábricas



Foto: freepik / freepk.com

cas e redes de transporte em todo o do mundo não estavam preparadas para uma retomada econômica tão forte. Muitas empresas que demitiram trabalhadores em massa nos primeiros meses da pandemia, agora careciam de mão de obra para dar conta dos inúmeros novos pedidos. Essa dinâmica começou um efeito bola de neve, em que as empresas não conseguiam dar conta da nova demanda, gerando, conseqüentemente, atrasos e aumentos de preços.

A cadeia de eventos anteriormente descrita foi particularmente problemática para a indústria do petróleo. Após severas perdas financeiras entre 2015 e 2020, a indústria estava com poucos trabalhadores e milhares de poços e refinarias fechadas. Conforme a demanda por combustível começou a subir rapidamente, não havia petróleo suficiente para dar conta das necessidades globais. Além disso, o aumento da produção de petróleo é um processo que pode

levar anos, dada a complexidade da infraestrutura para a extração do produto. Contudo, também devemos enfatizar o elemento de ganância das petroleiras. Com o súbito aumento do petróleo no mercado internacional, as empresas enxergaram uma oportunidade única de obterem lucros históricos, revertendo o prejuízo dos anos anteriores. Em 2022, as petroleiras internacionais viram a sua valorização subir vertiginosamente na Bolsa de Valores, sendo a Petrobras uma raríssima exceção à regra.

Mesmo antes da guerra da Ucrânia, já havia um acordo global entre os principais produtores de petróleo para que deixassem os preços subirem, e para que a produção não aumentasse. Este processo, capitaneado pela Arábia Saudita, foi seguido por todos os produtores mundiais, configurando a atuação de um verdadeiro cartel que já opera globalmente há 50 anos. O processo que conecta preço dos combustíveis e ações na bolsa é de suma importância para que possamos entender a crise atual. À medida que as ações das petroleiras sobem devido à alta dos preços, os executivos das empresas veem as suas fortunas subirem exponencialmente. Isso se dá pelo fato de que uma parte substancial dos seus vencimentos é feita em ações da empresa para a qual trabalham. Também, existe o fato de que, com maiores lucros, as empresas podem oferecer melhores dividendos aos acionistas, o que, por sua vez, valoriza a ação no mercado. Dentro dessa lógica, o foco está no acionista, e não no consumidor. Portanto, não há por parte das empresas de petróleo nenhum interesse em baixar preços ou aumentar a produção neste momento, agravando ainda mais o problema da inflação.

Antes da guerra da Ucrânia, já havia um acordo global entre os produtores de petróleo para que deixassem os preços subirem.

Antes de retomarmos a questão do petróleo em si, é necessário dedicar algumas linhas ao papel dos bancos centrais ao redor do mundo na atual crise. Durante as primeiras ondas de covid-19 em 2020 e 2021, os bancos centrais em todo o planeta adotaram políticas adequadas ao tamanho do desafio. Em um momento de grande incerteza, era vital baixar juros, prover crédito e até mesmo “imprimir

dinheiro”. Essas medidas foram testadas com grande sucesso durante a Grande Depressão e na crise financeira de 2008, colaborando para a retomada econômica que ocorreu a partir do final de 2020. No entanto, é sempre uma tarefa muito difícil saber a quantidade exata de estímulo a ser dada para a economia. Em 2021, existiam sinais de que as empresas de petróleo não aumentariam a sua produção, comprometendo toda a retomada econômica. Mesmo assim, os bancos centrais seguiram injetando uma quantidade de dinheiro colossal na economia, estimulando a inflação nesse processo.

Mais uma vez, o mercado financeiro ocupa um papel essencial. Quanto mais dinheiro é injetado no mercado pelos bancos centrais, mais as ações sobem na Bolsa de Valores. Os pacotes de ajuda governamentais estimularam o consumo, o que aumentou a perspectiva de lucro das empresas. Lembrando que o preço das ações reflete um único fator: a possibilidade (real ou imaginada) de lucros futuros de uma empresa. Dessa forma, mesmo diante de fortes sinais de superaquecimento da economia, queda de renda e inflação galopante, os bancos centrais não fizeram absolutamente nada. Essa inação, visando unicamente não atrapalhar os fabulosos lucros do mercado de ações em 2020 e 2021, é um dos principais responsáveis pela gravidade da crise atual. O custo social da inação dos bancos centrais será gigantesco, uma vez que a combinação de juros altos e inflação irá gerar mais pobreza e desemprego.

Como foi possível perceber nesse segmento, os problemas econômicos atuais vão muito além da questão do petróleo. Como em outras crises anteriores vividas pelo capitalismo, diversos fatores acabam gerando uma situação de profunda instabilidade. Atores sociais agindo apenas de uma forma egoísta agravaram uma situação que já era difícil antes mesmo da pandemia. Ademais das ques-

Foto: Marcello Casal Jr / Agência Brasil



tões aqui trazidas, o foco da indústria petrolífera apenas nas suas próprias necessidades cobra um preço muito alto de uma crise que está apenas começando. Na conclusão deste artigo irá se analisar como que petróleo e inflação seguirão interligados, e o que isso significa para a economia mundial em um futuro próximo.

Conclusão - zona de turbulência

Como foi trabalhado ao longo deste artigo, a combinação entre combustível caro e inflação alta é altamente inflamável para a economia mundial. Como o petróleo influencia de forma decisiva toda a cadeia produtiva, o resultado dessa combinação é devastador, afetando diretamente os mais necessitados. Na prática, isso significa menos comida na mesa, desemprego e precarização ainda maior do trabalho. Os mais pobres são os que, ao final, mais sofrem nas duas partes do processo: quando os combustíveis (e a inflação) sobem e, depois, quando os juros sobem para combater a inflação.

O conflito na Ucrânia, iniciado em fevereiro deste ano, foi somente a peça final para a formação de uma tempestade econômica perfeita. O bloqueio econômico imposto pelo Ocidente sobre a Rússia, na prática, retirou do mercado um dos maiores produtores de petróleo e gás do mundo. O efeito sobre os preços internacionais foi devastador, levando o petróleo ao impressionante patamar de US\$ 130 o barril, 110 dólares a mais que em 2020. Sendo a Rússia e a Ucrânia grandes produtores de outras commodities importantes, tais como trigo, potássio e alumínio, a guerra não poderia ter vindo em pior hora. Diante da demanda por todo tipo de produto e matéria-prima, a guerra apenas acentuou o choque de oferta, agravando a questão inflacionária.

Foto: Ales Uscinov / pexels.com



Mesmo diante de um cenário de dificuldades de toda ordem, o cartel da OPEP, liderado pela Arábia Saudita, segue afirmando que nenhum esforço será feito para aumentar a produção ou para baixar os preços. Em sua recente visita à Arábia Saudita, o presidente dos EUA, Joe Biden, saiu de mãos vazias, já que os sauditas seguem



Foto: runneralan2004 / visualhunt.com

L O custo social da inação dos bancos centrais será grande: juros altos e inflação aumentam a pobreza e o desemprego.

inflexíveis. Enquanto isso, a inflação e os juros nos países desenvolvidos são os maiores dos últimos 40 anos, e a Bolsa de Nova York já caiu mais de 20% do seu pico, em dezembro de 2021. Na América Latina, a inflação é a mais alta dos últimos 25 anos, chegando a 13%

no Brasil e a 80% na Argentina. A possibilidade de uma recessão em 2023 é real, e as consequências políticas e sociais são inimagináveis.

Por fim, a indústria do petróleo mais uma vez comete o mesmo erro de 1979. Na Segunda Crise do Petróleo, os países da OPEP também se negaram a aumentar a produção, mantendo uma política de preços exorbitantes. Tal medida acabou acarretando uma recessão tão forte que a demanda por petróleo despencou vertiginosamente, levando muitos produtores à beira da bancarrota em 1985. Além disso, os altos preços dos anos 1970 trouxeram uma série de novas tecnologias que diminuiriam permanentemente o consumo de petróleo, afetando a lucratividade dos produtores. Do mesmo modo que outrora, a ganância e a visão de curto prazo da OPEP custarão caro aos países produtores no futuro.

Outro ponto a ser questionado é o fato de que, diante dos problemas gerados pela mudança climática, a comunidade global tenha perdido a oportunidade de incentivar um futuro de energias renováveis no contexto pós-pandemia. Ao invés disso, parece que voltamos a apostar tudo em combustíveis fósseis que irão apenas agravar as questões climáticas que já vivemos. Na última reunião do G-7, realizada na Alemanha, muito se falou sobre petróleo e pouco se discutiu sobre energias renováveis. A cada dia, são mais evidentes os efeitos da mudança climática, com os chamados eventos de “clima extremo” se tornando cada vez mais corriqueiros. Frente a esse quadro, especialistas estimam que governos e empresas terão que investir US\$ 275 trilhões até 2050 para que a emissão de carbono na atmosfera chegue a zero. Contudo, ao que parece, estamos dobrando aposta no petróleo, comprometendo o nosso futuro neste planeta.

Até que o preço do petróleo caia e a inflação volte novamente a níveis aceitáveis, a atividade econômica será reduzida drasticamente. Esse cenário irá causar uma recessão global, que pode vir a ser muito intensa. Com a recessão, vêm a queda de renda das famílias e o agravamento do desemprego. O início desse processo já gera consequências visíveis, como o pior semestre do mercado de ações desde 1970 e a diminuição do consumo em vários países. Piores ainda são os efeitos sobre os países em desenvolvimento, como o aumento da fome no Brasil e na África e as crises políticas no Peru e no Equador. Lamentavelmente, ainda somos reféns do petróleo, um combustível caro, obsoleto e poluente. A única esperança em meio a uma recessão que está ainda em sua fase inicial é a de que estejamos talvez assistindo à última “Crise do Petróleo”.

Notas

1. Doutor em História Econômica da América Latina. Pesquisador do Centro de Estudos da América Latina e Caribe da York University (Canadá). Autor do livro *A Era de Trump* (Edipucrs 2020).



sinprors.org.br/textual



expediente

A Revista Textual é uma publicação do Sindicato dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul – Sinpro/RS. Avenida João Pessoa, 919 – Porto Alegre RS – CEP 90.040-000. Fones: (51) 4009.2900 – (51) 4009.2980. www.sinprors.org.br/textual – textual@sinprors.org.br. **Coordenação-Geral** | Valéria Ochoa | valeria.ochoa@sinprors.org.br. **Edição Executiva** | César Fraga | cesar.fraga@sinprors.org.br. **Conselho Editorial** | Evandro Rosso, Isadora Cadore Virgolin, Josiane Abrunhosa, Marcos Fuhr, Marcos Kammer, Rodrigo Perla Martins. **Projeto Gráfico, Edição Gráfica e Editoração** | Rogério Nolasco Souza.